

DESCONSTRUÇÃO DOS CORPOS ABJETOS EM DISCURSOS LITERÁRIOS DA OBRA *EMBRULHO LÍQUIDO* DE BIANCA LAFROY

Rafael COSSETTI¹

Doutorando em Estudos Linguísticos – UFES

Ricardo CELESTINO²

Doutor em Língua Portuguesa – PUCSP

RESUMO: Neste artigo, examinamos a condição paratópica de discursos literários extraídos da obra de Bianca Lafroy, poeta e heterônimo de Ricardo Corona. Para tanto, fundamentamo-nos no aporte teórico-metodológico da Análise do Discurso de linha francesa (AD), de modo particular, na perspectiva enunciativo-discursiva desenvolvida por Dominique Maingueneau. Para a análise, selecionamos discursos literários materializados no livro *Embrulho líquido*, que abordam a experiência travesti, a partir de representações de um corpo abjeto. A AD mostra-se produtora, nessa perspectiva, à medida que nos concentramos nas três dimensões sobre as quais incide a paratopia: o código linguageiro, a cenografia e o *ethos* discursivo. Os resultados da análise confirmam a constituição dos discursos literários que, em última instância, se estabelecem pela condição paratópica. À medida que o enunciador subverte a coerência entre sexo, gênero, prática sexual e desejo, os enunciados conturbam discursos reiterados no interior da matriz cis-heterossexual, tópica nas múltiplas atividades sociais.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Discurso literário. Paratopia., cenografia, *ethos* discursivo.

Considerações iniciais

Neste artigo examinamos as condições paratópicas dos discursos literários enunciados na obra de Bianca Lafroy, heterônimo do poeta cisgênero³ curitibano, Ricardo Corona⁴, que foram publicados, em 2012, no livro *Embrulho líquido*. Para tanto, fundamentamo-nos no aporte teórico-metodológico da Análise do Discurso de linha francesa (AD), de modo particular, na perspectiva enunciativo-discursiva desenvolvida por Dominique Maingueneau (2007, 2008, 2015, 2016a, 2016b).

¹ Doutorando em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Bolsista CAPES. Endereço eletrônico: rafaelcossetti@gmail.com

² Doutor em Língua Portuguesa pelo Programa de Estudos Pós-graduados de Língua Portuguesa, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). Realiza estágio de pós-doutorado no Programa de Estudos Pós-graduados de Literatura e Crítica Literária, da PUCSP. Endereço eletrônico: ricardo.celestino2003@gmail.com

³ Cisgênero é um termo utilizado para se referir a uma pessoa que se identifica com o gênero que lhe foi designado no momento de seu nascimento (JESUS, 2012) – ou mesmo anteriormente.

⁴ No “transcólófon” do livro, lê-se: “*Embrulho líquido* + Bianca Lafroy = Ricardo Corona”. Como não pretendemos discutir neste artigo questões referentes à autoralidade, consideraremos Bianca Lafroy enquanto o sujeito enunciativo desses discursos.

Nos discursos produzidos por Lafroy, os temas, o vocabulário e as imagens que transitam na cenografia colocam o corpo travesti e sua experiência em posição central, a fim de subverter o binarismo de gênero e afirmar o caráter performativo do gênero social. O autor considera a travesti como uma “pessoa que vivencia papéis de gênero feminino, mas não se reconhece como homem ou mulher, entendendo-se como integrante de um terceiro gênero ou de um não gênero” (JESUS, 2012, p. 27).

Selecionamos como aporte teórico-metodológico os estudos enunciativo-discursivos da AD, que viabilizam a pesquisa sobre o exame, no e por meio do discurso literário, de identidades numa conjuntura de “nomadismo crônico” (MAINGUENEAU, 2016a, p. 106). Consideramos este uma forma de vazão da subjetividade característica do sujeito no século XXI. Dessa maneira, para operacionalizar a investigação da identidade do sujeito nos discursos selecionados, compreendemos que os pertencimentos mutáveis e plurais implicam um diálogo com estudos que fundamentam a identidade de forma estratégica e posicional, em oposição a compreensões essencialistas (HALL, 2014). A partir de Bauman (2005, p. 60), julgamos prudente assumir que as identidades coesas, fixas, concebidas como projetos de vida, não se mostram como opções promissoras no cenário atual.

Organizamos, dessa maneira, nosso artigo, em três partes: em primeiro lugar, apresentamos os estudos de Hall (2014) e Butler (2002, 2016, 2019) sobre as relações entre identidade, materialidade, sexo e gênero; em seguida, dissertamos sobre as categorias de paratopia, código languageiro, cenografia e *ethos* discursivo; e, por fim, realizamos a análise da amostra selecionada.

Materialidade e identidade nas questões de gênero e sexualidade

As condições histórico-culturais de nossa amostra de pesquisa implicam formações discursivas acerca da identidade, da materialidade e do gênero. Compreendemos que a forma pela qual identificamos os corpos em nossa cultura está intimamente relacionada à maneira que os corpos são classificados e materializados ao longo da história. Butler (2019) observa que há, nesse sentido, uma prática de reiteração das condições de identificação dos corpos pela sexualidade, o que implica na limitação binária da performance social dos gêneros. Nesse sentido, é essencial para nossa pesquisa apresentarmos como a Filosofia compreende as

categorias de identidade, de materialidade e de gênero, posto que nossa amostra de pesquisa promove voz a um corpo abjeto que não pertence às definições reiteradas sob a matriz cis-heterossexual.

Butler (2002) questiona, na introdução de seus estudos, por que nossos corpos deveriam terminar na pele, parafraseando o manifesto ciborgue, de Haraway (2009 [1985]). Para ambas autoras, o que existe sobre os corpos são pensamentos que os sistematizam, os codificam e lhes atribuem valor. Nessa perspectiva, o estudo apresentado busca refletir sobre a relação entre a materialidade do corpo e a performatividade do gênero.

Butler (2002) considera que práticas discursivas marcam e formam diferenças materiais. A categoria sexo é normativa, no sentido que implica um ideal regulatório que funciona por norma e prática que produz corpos. A força regulatória se manifesta pelo poder produtivo, demarcando, criando, circulando e diferenciando corpos que ela controla. A materialização do sexo ocorre por meio de práticas reguladas, materializando-se através do tempo. Diferente de um fato ou uma condição do corpo, o sexo é um processo onde as normas regulatórias o materializam e o produzem, reiterando as normas vigentes. A urgência de uma reiteração às normas é uma lembrança constante de que a materialização do sexo nos corpos nunca é completa, já que eles não se conformam às normas impostas.

Compreendemos que são as instabilidades às normas impostas que permitem a rematerialização, a abertura de processos, em um movimento no qual a força da lei regulatória pode se voltar contra ela mesma. Isso gera rearticulações que, para a autora, colocam em questão as forças hegemônicas daquela lei regulatória. Dessa maneira, Butler (2002) reflete sobre a performatividade de gênero e sua relação com a concepção de materialização. A performatividade é compreendida como prática reiterativa e citacional, segundo a qual o discurso demonstra os efeitos sobre o que nomeia. As normas regulatórias do sexo também atuam de forma performática para a constituição material dos corpos, assim como materializam o sexo dos corpos, a diferença sexual, reativo a qualquer variação ou alternativa do imperativo heterossexual. Os sujeitos, nesse sentido, se identificam com as matrizes disponíveis em suas conjunturas culturais.

Por serem construídas no e por meio do discurso, devemos compreender as identidades no interior de formações e práticas discursivas específicas, conectadas a locais históricos e institucionais específicos (HALL, 2014). O aspecto da construção discursiva das

identidades é amplamente discutido por Butler (2016, 2019). Ao tratar dos “limites discursivos do sexo”, a pesquisadora assume a centralidade do discurso, envolvida nas relações entre o sujeito, o corpo e a identidade e argumenta que “o ‘sexo’ é um construto ideal, que é forçosamente materializado através do tempo” (BUTLER, 2002, p. 154). Essa materialização relaciona-se a um “poder reiterativo do discurso para produzir os fenômenos que ele regula e constrange” (BUTLER, 2002, p. 155). Além disso, esse poder reiterativo do discurso faz emergir identidades que são, de fato, marcações da diferença e da exclusão e não signos de unidade.

Hall (2014, p. 110), por sua vez, argumenta que

[...] as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela. Isso implica o reconhecimento radicalmente perturbador de que é apenas por meio da relação com o Outro, da relação com aquilo que não é, com precisamente aquilo que falta, com aquilo que tem sido chamado de seu *exterior constitutivo*, que o significado “positivo” de qualquer termo – e, assim, sua “identidade” – pode ser construído (DERRIDA, 1981; LACLAU, 1990; BUTLER, 1993). As identidades podem funcionar, ao longo de toda sua história, como ponto de identificação e apego *por causa* de sua capacidade para excluir, para deixar de fora, para transformar o diferente em “exterior”, em abjeto.

A matriz cis-heterossexual e suas identidades hegemônicas, nessa perspectiva, contribuem para a situação de vulnerabilidade social e de violência⁵ com a qual as travestis lidam diariamente. Compreendemos, diante desse cenário, que atentar para as experiências de identidades trans nos múltiplos setores das atividades humanas projeta luz a relações de violência e exclusão. Os discursos literários, por potencializarem as possibilidades subjetivas do sujeito social pela ficção, projeta-se como uma vereda para contrapor os discursos estereotipados e transfóbicos, que circulam em abundância nos mais variados espaços discursivos da sociedade. Consideramos que o processo de reiteração discursiva, que garante a produção eficaz das identidades existentes, seja o mesmo que sinaliza interrupções possíveis dessas identidades: é lícito supor a produção de identidades novas nessa lógica. Ao investigar esses discursos literários, buscamos, portanto, aumentar a compreensão do poder do discurso como um construto mediador e constitutivo de identidades.

⁵ Segundo relatório da organização não governamental *Transgender Europe* (2017), entre os países monitorados, Brasil é o país que mais mata pessoas trans no mundo, somando 938 mortes de janeiro de 2008 a dezembro de 2016. O número de homicídios no Brasil é mais de 3 (três) vezes maior que o número de 290 mortes do segundo colocado, o México.

Por fim, Butler (2002) considera que os sujeitos são tomados por matrizes excludentes que exigem a produção de seres abjetos, que não são qualificados como sujeitos e formam um exterior constitutivo relativamente ao domínio do sujeito. O sujeito abjeto designa pessoas provenientes de zonas inóspitas, inabitáveis na vida social, povoadas por quem não goza de status de sujeito. Seu habitar é pressuposto como inabitável, mas necessário para o domínio desse sujeito ser circunscrito. O discurso literário que amplifica as experiências subjetivas de identidades trans contribui para alimentar o olhar social a um novo paradigma sobre a diversidades dos sujeitos e da potência de identificações de gênero alternativas à matriz cis-heterossexual.

A Análise do Discurso em sua perspectiva enunciativo-discursiva

A fim de fundamentar a análise dos discursos selecionados para este artigo, adotamos o aporte teórico-metodológico da AD, nas abordagens desenvolvidas por Maingueneau (2007, 2008, 2015, 2016a, 2016b). O termo “análise do discurso”, apesar de ser um rótulo empregado por pesquisas de inspirações muito diferentes em cada parte do mundo, pertence às ciências da linguagem e da comunicação, pelo menos em sua concepção mais corrente, e envolve diversos saberes de outras áreas. Dessa forma, a dificuldade de definir “análise do discurso” também deriva da relação entre “discurso” e “análise do discurso”, que aparenta ser uma relação entre objeto empírico e a disciplina que estuda esse objeto. No entanto, o discurso só constitui um objeto do saber, quando assumido por diversas disciplinas. No entanto, o interesse que governa a AD é o de apreender o discurso como “intricação de um texto e de um lugar social” (MAINGUENEAU, 2007, p. 18-19). Em suma, o objeto da AD é aquilo que une a situação de comunicação à organização textual num dispositivo de enunciação específico.

Ao tratar da Literatura e dos discursos que ela empreende, Maingueneau (2016a, p. 60) propõe que o discurso literário “participa de um plano determinado da produção verbal, o dos discursos constituintes”, que, nos desdobramentos das formações discursivas, não reconhecem outra autoridade além de si mesmo. São, assim, constituintes, os discursos literário, filosófico, científico e religioso, pois eles se propõem validados por uma cena de enunciação, cuja autoridade e se regulamentação são criadas no próprio discurso. Por projetarem um lugar de privilégio em decorrência dos lugares tópicos e rotineiros do espaço

social, os meios literários concentram, na verdade, desdobramentos subjetivos de fronteiras. Isso implica que em processos criadores de lugares, grupos, comportamentos, os enunciados literários são tomados por uma relação paradoxal de pertencimento e não pertencimento dos desdobramentos subjetivos presentes em outros discursos.

O caráter paradoxal dos discursos constituintes é denominado por Maingueneau (2016a) de paratopia. Condição dos discursos constituintes literários, a paratopia refere-se a uma difícil negociação entre o lugar e o não lugar. Por meio de tensões em seu campo, um discurso literário irrompe em uma condição paratópica, quando “só pode dizer alguma coisa sobre o mundo, pondo em jogo em sua enunciação os problemas advindos da impossível inscrição social (na sociedade e no espaço literário)” (MAINGUENEAU, 2016a, p. 95). Além disso, a paratopia é histórica, pois suas modalidades são variáveis de acordo com a época e a sociedade em questão. O autor comenta que, atualmente, o escritor já não rompe com um mundo estabilizado como antes e, dessa forma, a paratopia se vê obrigada a inventar para si novos horizontes:

No antigo regime da literatura, o acesso à produção de enunciados oferecidos a um público era drasticamente limitado; com a web, consideráveis populações podem participar de dois espaços, passar todos os dias algumas horas comunicando-se no âmbito de modalidades que não recorrem à interação comum, oral ou escrita, aquele em que indivíduos socialmente identificáveis se comunicavam em espaços sujeitos a restrições temporais e espaciais. Tal como na literatura, em que o próprio enunciado impõe seu contexto, aquele enviado pela web define a identidade de seu locutor, o lugar e o momento de sua emissão (MAINGUENEAU, 2016a, p. 106).

O autor postula, então, diversos tipos de paratopias possíveis de serem exploradas por um produtor de discurso constituinte. Há um tipo de paratopia, a de identidade, que diz respeito a todas as figuras de dissidência e de marginalidade, ou seja, afasta alguém de um grupo, podendo ser familiar, sexual ou social. Um segundo tipo, a paratopia espacial, relaciona-se àqueles que se encontram em lugares, que não são seus ou não encontram seus lugares. Já a paratopia temporal fundamenta-se no anacronismo, num tempo passado ou futuro, afastando alguém do momento presente. Por último, há a paratopia linguística, tipo fundamental em matéria de criação literária, caracterizando aqueles que enunciam em uma língua que, de certo modo, não é sua língua.

Concentramo-nos, para operacionalizar nossa análise, em três dimensões sobre as quais podemos identificar as condições paratópicas de um discurso literário: o código linguageiro, a cenografia e o *ethos* discursivo. Em suma, a paratopia só será produtiva para a AD, quando tomada como condição e produto de um processo criador. Por isso, para possibilitar o tratamento do discurso literário, a partir dessa perspectiva, Maingueneau (2016a) postula a existência de embreagens paratópicas que as três dimensões em destaque. Em outros termos, há o investimento em um código linguageiro que opera sobre a diversidade de zonas e registros de língua, a negociação de uma cenografia que faz do discurso um lugar de representação de sua própria enunciação, e a emergência de um *ethos* discursivo que dá uma voz ao discurso, ativando o imaginário estereotípico de um corpo enunciante socialmente avaliado.

Identificamos o funcionamento enunciativo-discursivo das três dimensões supracitadas, quando articulamos as restrições históricas e linguísticas dos discursos, a proposta formulada por Maingueneau (2008) de uma “semântica global”. Ao rejeitar abordagens teórico-metodológicas que diferenciam uma estrutura profunda de uma superficial, com o intuito de hierarquizar planos, a “semântica global” valoriza todos os planos da discursividade em integração, obedecendo a sistemas de restrições semânticas, associadas a um determinado posicionamento. Para este estudo, tendo em vista os embreantes paratópicos, destacamos os planos do vocabulário, do estatuto do enunciador e do coenunciador, da dêixis enunciativa e do modo de enunciação.

No plano do vocabulário, apesar de não ser possível identificar o léxico específico de determinado discurso, podemos explorar os diferentes efeitos de sentido atribuídos a um mesmo item lexical em discursos de posicionamentos distintos. Dessa forma, “entre vários termos *a priori* equivalentes, os enunciadores serão levados a utilizar aqueles que marcam sua posição no campo discursivo” (MAINGUENEAU, 2008, p. 81). Tratamos, assim, do código linguageiro, uma configuração específica que determinada formação discursiva emprega no momento da enunciação, posto que esta não se dá por meio de uma língua, mas de um código específico. O uso que se faz da língua é constitutivo de uma determinada formação discursiva e este código participa da autolegitimação do enunciador. Em se tratando de campo literário, o criador negocia um código linguageiro que lhe é característico, isto é, realiza a interação do discurso com outros códigos, a fim de construir um posicionamento.

Ao abordar a cena de enunciação, Maingueneau (2015) lembra que o termo “cena” pode referir-se tanto a um enquadramento quanto a um processo, evidenciando sua dinamicidade, que faz interagir três níveis da cena de enunciação, a saber: a cena englobante, que diz respeito ao tipo de discurso, científico, jurídico, literário, entre outros; a cena genérica, que se relaciona ao gênero de discurso; e a cenografia, que é a cena com a qual o coenunciador lida diretamente, sendo construída no/pelo discurso. Essas cenas interagem entre si, afetando-se mutuamente, uma vez que funcionam em níveis complementares.

Enquanto a cena englobante e a cena genérica constituem um “quadro cênico”, o espaço estável no qual o enunciado se abre a vários efeitos de sentido, a cenografia não é imposta pelo tipo ou pelo gênero, mas instituída no/pelo próprio discurso, e é ela que o interlocutor, enredado em uma determinada enunciação, lida diretamente. A cenografia legítima e é legitimada pelo discurso, confundindo-se com a obra que sustenta, e a obra, por sua vez, também sustenta a cenografia, que é, então, capaz de articular o discurso e as condições que propiciam sua criação.

Já o plano do modo de enunciação pode ser localizado por meio da análise do *ethos* discursivo. Maingueneau (2016b) retoma o conceito aristotélico de *ethos* e desloca-o para a AD, ao considerar que todo discurso é indissociável de uma “voz”, mesmo no caso de um enunciado escrito. Trata-se de uma noção sociodiscursiva, que se constrói no e por meio do discurso em um processo interativo de influência sobre o outro. Isto é, trata-se de um comportamento socialmente avaliado, que é compreendido dentro de uma situação específica de comunicação e de uma conjuntura sócio-histórica determinada.

O *ethos* discursivo refere-se, por conseguinte, a um fenômeno enunciativo do qual emerge um tom específico e engloba o *ethos* dito, criado a partir de referências diretas, e o *ethos* mostrado, que não está explicitamente representado no texto, mas é construído pelas pistas, que o enunciador oferece. Dessa forma, o coenunciador constrói um conjunto de traços físicos e psíquicos, que se sustentam em representações sociais valorizadas ou desvalorizadas, em estereótipos culturais, que são reforçados ou transformados, conforme argumenta Maingueneau (2016b).

O discurso literário de Bianca Lafroy

O discurso literário presente na obra de Bianca Lafroy tem como tom contestar as formas de normalização da diversidade de identidades de gênero. Posiciona-se contra o controle sobre os corpos e as identidades de gênero na matriz cis-heterossexual, tomando-a como um dispositivo de poder e saber. Os discursos literários contrapõem-se a esses dispositivos controladores, já que na perspectiva do enunciador, são formas de desumanização das travestis, compreendidas como seres abjetos, “cujas vidas não são consideradas ‘vidas’ e cuja materialidade é entendida como ‘não importante’” (BUTLER, 2002, p. 161), ou seja, por não serem inteligíveis dentro dos padrões hegemônicos de gênero – e até mesmo de sexualidade – baseados num sistema binário.

Esses padrões são rejeitados por perspectivas, que compreendem o gênero como um conjunto de atos performativos, isto é, norma que se materializa discursivamente (BUTLER, 2016), visão que permite compreender as vivências travestis fora dos modelos patológicos e a partir de uma lógica de resistência.

Os discursos selecionados confirmam o poder dessa performatividade, na medida em que o enunciador esclarece que: “Meu corpo está dentro da obra, mas não pela forma dramática, ‘marginal’. É uma exclusão pretendida. Tiro vantagem desta margem” (LAFROY, 2003, n.p.). Para dar conta de várias dimensões da vivência travesti, o enunciador organiza a obra em cinco partes. É recorrente, em todas as partes, o emprego de termos do bajubá ou pajubá, um conjunto de gírias, em sua maioria originário do iorubá, empregado pela comunidade LGBTI+⁶. É comum as gírias surgirem com as travestis e, posteriormente, serem apropriadas pelas(os) outras(os) membros da comunidade. Os termos tratados aqui podem ser consultados em Ângelo Vip e Fred Libi (2017).

A primeira parte, denominada “cuã”, que em bajubá, significa “casa, apartamento”, dá conta de objetos de uso cotidiano e espaços domésticos, relacionando-os sempre ao corpo dessa *persona* lírica. A segunda parte, “paisana”, introduz a personagem “homem-silicone” que, ao frequentar lugares públicos, é percebida por “olhos-fuzis” (LAFROY, 2012, p. 36) como uma perturbação da ordem estabelecida. A próxima parte, “montagem”, refere-se ao

⁶ Embora utilizemos ao longo do trabalho a sigla LGBTI+, por ser mais recorrente, reconhecemos que essas letras não abrangem todos os sujeitos que não se enquadram na matriz cis-heterossexual. Empregamos, ademais, o termo *queer* como teoria, cultura e posicionamento político e não como uma política identitária uniformizadora: “[...] se ‘queer’ é visto primariamente como a base para uma nova política de identidade, então também ele necessariamente irá excluir e restringir” (SPARGO, 2006, p. 36).

processo de autoconstrução sempre em andamento. Enquanto a quarta parte, “pista”, trata sobre o trabalho nas ruas e a violência que o acompanha, a quinta e última parte, “quarto”, volta a concentrar-se sobre o corpo, geralmente representado por seus detalhes, e os prazeres que acontecem num ambiente mais íntimo.

Logo, em *Embrulho líquido*, circulam temas, vocabulários e imagens, que se relacionam intimamente à experiência e ao corpo travesti, à subversão do binarismo e ao caráter performativo do gênero social, como aparece no discurso “[FEMMINIELLO]”, que retoma o nome da obra: “O embrulho líquido,/ mergulho abissal no elemento móvel/ e FEMMINIELLO./ Anfíbio-fêmea tatuado/ no couro e/ camuflado na escama prateada. [...]” (LAFROY, 2012, p. 47). Considerando a extensão deste trabalho, selecionamos para a análise quatro discursos, debruçando-nos mais cuidadosamente sobre um deles, “[SALTO ALTO]”:

[SALTO ALTO]

Na esquina,
caça e caçadora se cruzam.
ElaEle de quadris siliconados,
ritmo SALTO ALTO,
fiel ao que a mantém ob
scena
: em frente à cena.

No quarto, de quatro,
a presa se livra do seu terno e gravata
abrindo seu fractal
(o cuspe escorre a canaleta das costas
até o anel de couro)

Minha língua-cunete o faz trair sua etimologia ocó.
Azulei-o e ele melou de nena minha nena.
(LAFROY, 2012, p. 76).

[LÁBIO LEPORINO]

Mesmo à paisana
(do lar, solar),
quando saio às ruas
vou a lugares de bem
(supermercado, lanchonete,
shopping),
sou reconhecido
(a).
As famílias miram olhos de fuzis.
Homem-silicone à luz do dia azul.

Oh! Amarro (amordação)
seus crocodilos sorridentes

com o fino e frágil fio que segura minha moral.

Que pai suportaria a luz do sol
caso fosse revelado
o gemido do toque desse LÁBIO LEPORINO
em seus freios?
(lembra da fricção labial sobre o vão
do meu dente tortinho?)
(LAFROY, 2012, p. 36).

[FEMMINIELLO]

O embrulho líquido,
mergulho abissal no elemento móvel
e FEMMINIELLO.
Anfíbio-fêmea tatuado
no couro e
camuflado na escama prateada.
Tatoo azulada, aureolada,
cintilada e trans
formada em peixe-girl.
(LAFROY, 2012, p. 47).

[LÍNGUA LETAL]

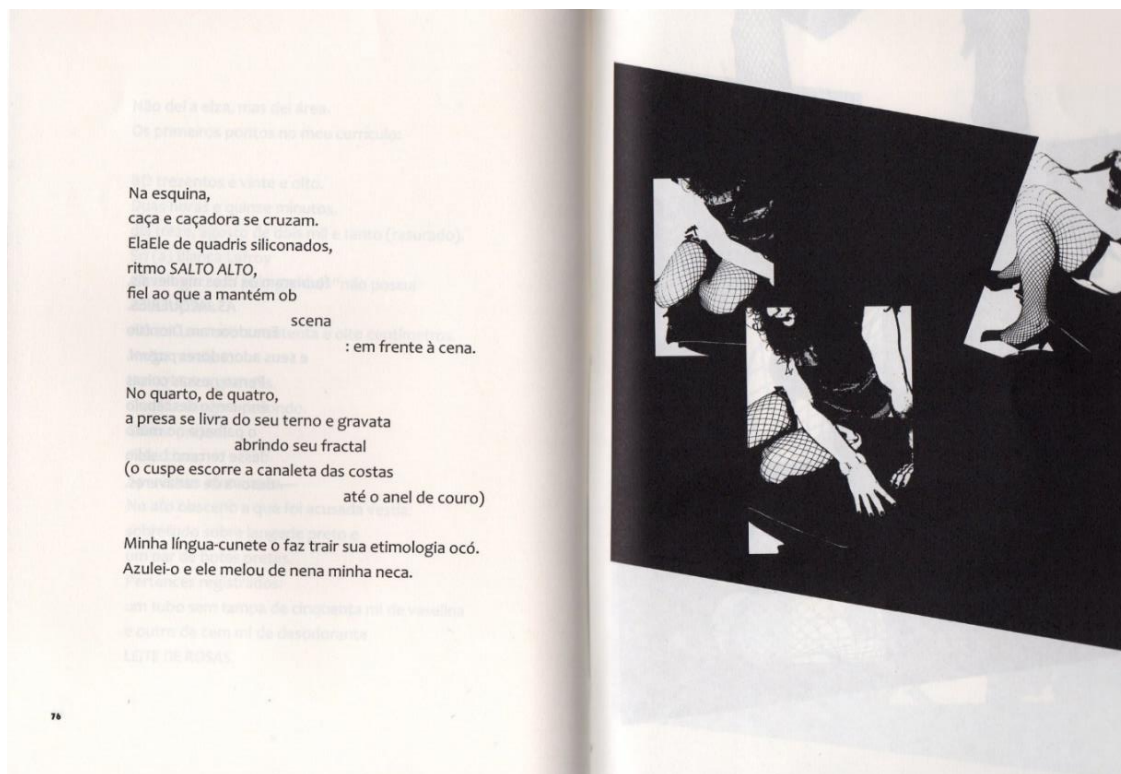
A leveza aniquila superfícies.
Leveza-rarefação,
corpo envolto em bolhas de ar
sob um céu aquoso,
no limiar dos mundos
turvado e oxigenado
(único som é próximo
do estalido
de hímen de homem).
À toa, lama na boca,
LÍNGUA LETAL de um dialeto,
lótus que aflora
(meu nome de guerra).
(LAFROY, 2012, p. 51).

Em relação ao código linguageiro empregado, além da adoção de palavras de outras línguas, como “femminiello” e “girl”, é recorrente o emprego de termos do bajubá. Temos, portanto, “cunete” que significa “sexo oral na região anal, cunnilingus”, “ocó” que significa “homem viril”, “azular”, possivelmente, uma variação de “azuelar” que significa “penetrar”, “nena” que significa “excrementos fecais” e “neca” que se refere ao “pênis”. O emprego de termos próprios da comunidade LGBTI+ reforça a ideia da produção de identidades renovadas. Há uma busca pelo fortalecimento das identidades trans por meio da exclusão daquelas que não circulam e não conhecem as especificidades da comunidade LGBTI+.

Também percebemos, como é comum nos outros discursos da obra, o emprego da hifenização, como em “língua-cunete”, “peixe-girl” e “homem-silicone”, o que ajuda na construção de objetos do discurso presentes somente nesse universo literário. Nesse sentido, “[...] o uso da língua que a obra implica se apresenta como a maneira pela qual se tem de enunciar, por ser esta a única maneira compatível com o universo que ela instaura (MAINGUENEAU, 2016a, p. 182). No discurso “[LÍNGUA LETAL]”, expressa-se o poder desses códigos específicos para o sujeito travesti e para sua comunidade: “À tona, lama na boca,/ LÍNGUA LETAL de um dialeto,/ lótus que aflora/ (meu nome de guerra).” (LAFROY, 2012, p. 51).

Apesar de ser possível argumentar que o discurso literário absorve variadas cenografias de diferentes gêneros de discurso, os discursos em análise são capazes de potencializar tal característica discursiva, uma vez que trazem cenografias protonarrativas anedóticas. Ademais, tais cenografias beneficiam-se da conjugação com a parte imagética da obra, que é bastante predominante. Consideramos como pertencente à parte imagética da obra não só as fotos e ilustrações, mas também a exploração da página em branco pela parte verbal. Por exemplo, no discurso literário “[SALTO ALTO]”, o recurso visual de distribuição de alguns enunciados em rima pela página, em vez de alinhados à esquerda, sua distribuição reitera o movimento desses signos, que retomam corpos e identidades também em movimento, que estão constantemente escapando da fixidez própria dos discursos da matriz cis-heterossexual.

Figura 1 – A imbricação das linguagens em *Embrulho líquido*



Fonte: LAFROY (2012, p. 76-77).

Desta maneira, os corpos desses sujeitos e seus objetos que se sobressaem na modalidade escrita, também o fazem no visual. Estabelece-se, então, uma relação íntima do verbal com o imagético (Figura 1), posto que verbal divide espaço com montagens de fotos e ilustrações, criando discursos singulares, multimodais, que transitam entre as duas linguagens para negociarem efeitos de sentido. É possível dizer, assim, que são construídas cenografias particularizadas e ricas em detalhes.

A importância das imagens corporais nesses discursos reside em declarar o corpo travesti como um discurso de resistência, como o corpo siliconado do discurso “[LÁBIO LEPORINO]”, que resiste frente aos “olhos-fuzis”:

[LÁBIO LEPORINO]
Mesmo à paisana
(do lar, solar),
quando saio às ruas
vou a lugares de bem
(supermercado, lanchonete,
shopping),
sou reconhecido
(a).

As famílias miram olhos-fuzis.
Homem-silicone à luz do dia azul.
[...]
(LAFROY, 2012, p. 36).

Para as “famílias” que “miram olhos-fuzis”, a travesti ocupa o lugar da incompletude, da patologia, ou seja, “[...] aquelas zonas ‘inóspitas’ e ‘inabitáveis’ da vida social, que são, não obstante, densamente povoadas por aqueles que não gozam do *status* de sujeito” (BUTLER, 2019, p. 197). Ao destacar o corpo travesti, suas secreções, modificações e os lugares que não ocupa, o enunciador rejeita o corpo que se acredita totalmente natural e, por conseguinte, a “[...] possibilidade transcendental de dar a um órgão arbitrário o poder de instaurar a diferença sexual e de gênero” (PRECIADO, 2014, p. 79-80).

Em “[SALTO ALTO]”, há, apesar da construção de uma oposição entre a “caçadora” – a “caça” e seus itens de vestimenta, “salto alto” – “terno e gravata”, a superação do binarismo é indicada, desde o princípio, pelo termo formado por justaposição “ElaEle”. De tal superação, inferimos um *ethos* discursivo subversivo, perturbador da ordem, construído na discursivização. Os discursos analisados revelam um sujeito discursivo que adota uma perspectiva política de resistência, e que, como em “[SALTO ALTO]”, ao se manter fiel à sua quebra da norma – em comparação, sua “presa” só se livra dos padrões heteronormativos no ambiente íntimo do quarto –, coloca-se à frente, revelando e desafiando os padrões heteronormativos e binários e transformando estereótipos culturais sobre as travestis.

A análise da cenografia, do *ethos* discurso e do código linguageiro deixa-nos ver que estamos diante de uma embreagem paratópica, já que elementos de variadas esferas “participam simultaneamente do mundo representado pela obra e da situação paratópica através da qual se institui o autor que constrói esse mundo” (MAINGUENEAU, 2016a, p. 121).

Nos discursos literários analisados, a criação literária e a performatividade de gênero fundem-se. Os corpos e as palavras circulam com alto grau de liberdade. Nesse sentido, os enunciados literários apresentam-se como os que melhor se adaptam à exploração da condição paratópica, uma vez que, assim como o enunciador questiona, brinca e subverte as normas reguladoras do gênero social, esses enunciados questionam, brincam e subvertem os discursos reiterados pela matriz cis-heterossexual.

Por fim, destacamos que o enunciador busca construir, por meio de sua criação literária que focaliza o corpo travesti que resiste, um lugar discursivo para si e suas semelhantes. Por meio dos embreantes paratópicos, constroem-se contrastes entre o universo construído no e pelo discurso, a língua padrão e as normas controladoras do gênero social. O enunciador chega a afirmar que o discurso “*Embrulho líquido*, a rigor, expõe a fraqueza do corpo heterossexual” (LAFROY, 2003). A travesti coloca-se à frente por viver livremente sua identidade, seu corpo e seus prazeres, não sendo controlada, nem nos ambientes mais públicos, por uma “etimologia ocó”, ou seja, pela matriz cis-heterossexual.

Considerações finais

Compreendemos, enfim, que os discursos literários selecionados são paratópicos, pois lidam com a ficcionalização da vida travesti, a partir da expressão de uma subjetividade. O olhar sensível do enunciado à vida pode ser, como pode não ser uma verdade instituída em atividades culturais e sociais tópicas. A condição paratópica também se dá pela relação com o estranhamento: há, no código linguageiro, na cenografia e no *ethos* a constituição de uma identificação de gênero sob as ordens de uma outra matriz, que não a cis-heterossexual, que encontra na percepção do enunciador a força para essa sobreposição que não se dá nas atividades tópicas de nossa sociedade. A força da travesti, frente à matriz cis-heterossexual se dá no discurso, tem lugar nele e deseja transcendê-lo para vidas sociais e culturais possíveis.

Podemos, dessa maneira, compreender que os discursos literários presentes na obra de Bianca Lafroy exploram uma vereda das diversidades de gênero e de sexualidade, a fim de dialogar com as atividades tópicas dos diversos setores de nossa sociedade. Encontrando sempre a violência e a desumanização, o corpo que existe na obra que analisamos se projeta como não abjeto, mas ainda só pode existir dessa maneira nos discursos. Fora deles, são suprimidos pela violência urbana, pela ausência de oportunidades, pela transfobia, dentre outras formas de opressão provenientes de uma matriz cis-heterossexual. Contudo, quando o enunciador oferta vazão à subjetividade de formas diversas de identificações de gênero, ele proporciona um fio de luz mínimo de vida a matrizes tão violentadas em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*: entrevista a Benedetto Vecchi. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BUTLER, Judith. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. Trad. Susana Bornéo Funck. *Estudos feministas*, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 155-167, 2002. Entrevista concedida a Baukje Prins e Irene Costera Meijer. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11634.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2019.

_____. *Problemas de gênero*: feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

_____. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). *O corpo educado*: pedagogias da sexualidade. 4. ed. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 191-219.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença*: a perspectiva dos estudos culturais. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 103-133.

HARAWAY, Donna J. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Antropologia do ciborgue*: as vertigens do pós-humano. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 34-118.

JESUS, Jaqueline Gomes de. *Orientações sobre identidade de gênero*: conceitos e termos. Goiânia: Ser-Tão/UFG, 2012. Disponível em: http://www.sertao.ufg.br/uploads/16/original_ORIENTA%C3%87v%C3%95ES_POPULA%C3%87%C3%83O_TRANS.pdf?1334065989. Acesso em: 12 jun. 2019.

LAFROY, Bianca. Entrevista. *O Mossoroense*, Mossoró, [12 set. 2003]. Entrevista concedida a Tobias Queiroz. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/omossoroense/030204/entrevista.htm>. Acesso em: 19 jul. 2019.

_____. *Embrulho líquido*. São Paulo: Iluminuras, 2012.

MAINGUENEAU, Dominique. A análise do discurso e suas fronteiras. Trad. Décio Rocha. *Matraga*. Rio de Janeiro, v. 14, n. 20, p. 13-37, jan./jun. 2007.

_____. *Gênese dos discursos*. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. *Discurso e análise do discurso*. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2015.

_____. *Discurso literário*. Trad. Adail Sobral. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016a.

_____. *Ethos*, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth. (org.) *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. Trad. Dilson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírío Possenti. São Paulo: Contexto, 2016b. p. 69-92.

PRECIADO, [Paul] Beatriz. *Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. Trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1, 2014.

SPARGO, Tamsin. *Foucault e a teoria queer*. Trad. Wladimir Freire. Rio de Janeiro: Pazulin, 2006.

TRANSGENDER EUROPE'S TRANS MURDER MONITORING. *TMM Update – Trans Day of Visibility 2017: 2,343 Reported Murders of Trans and Gender-Diverse People Between 1 January 2008 and 31 December 2016*. Disponível em: http://transrespect.org/wp-content/uploads/2017/03/TvT_TMM_TDoV2017_Tables_EN.pdf. Acesso em: 15 jun. 2019.

VIP, Angelo; LIBI, Fred. *Aurélia: o primeiro dicionário gay do Brasil*. Disponível em: <https://gepss.files.wordpress.com/2011/04/aurelia.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2019.

DECONSTRUCTION OF THE ABJECT BODIES IN LITERARY DISCOURSES OF *EMBRULHO LÍQUIDO* BY BIANCA LAFROY

ABSTRACT: In this article, we examine the paratopic condition of literary discourses by Bianca Lafroy, poet and Ricardo Corona's heteronym. For this purpose, we employed the theoretical-methodological framework of the French Discourse Analysis (DA), in particular, the enunciative-discursive perspective developed by Dominique Maingueneau. From the book *Embrulho líquido*, we selected literary discourses that deal with the *travesti* experience through representations of an abject body. In this perspective, DA proves to be productive as we focus on the three dimensions upon which the paratopia falls: the language code, the scenography, and the discursive *ethos*. The results of the analysis confirm the constitution of the literary discourses, which are ultimately established by a paratopic condition. As the enunciating subject subverts the coherence between sex, gender, sexual practice, and desire, the utterances disturb the reiterated discourses within the cis-heterosexual matrix, topic in the multiple social activities.

Keywords: Discourse Analysis. Literary discourse. Paratopia, scenography, discursive *ethos*.

Envio: novembro/2019
Aceito para publicação: dezembro/2019